



Em seu famoso livro sobre o conceito de “cosmovisão”, intitulado “O Universo ao Lado”, James Sire afirmou que a cosmovisão, “em essência, é um conjunto de pressuposições” que sustentamos para o sentido da vida.¹ Portanto, todos temos uma cosmovisão, todos temos esse par de óculos, todos temos uma resposta para “o sentido da vida”, seja ela declarada ou implícita. É impossível viver sem um mapa mental que nos oriente diante da complexidade da vida. Que todos temos uma cosmovisão é uma verdade muito bem assentada. Entretanto, como ela se forma?

Esse processo de formação da nossa cosmovisão inicia no momento em que nascemos e começamos a interagir com o mundo à nossa volta, especialmente no contato com a cultura da época e do lugar onde crescemos, incluindo nossa família, nossa etnia, a região do país em que vivemos, o continente e assim por diante, do menor para o maior e vice-versa.²

Em um rico artigo no qual explica os diversos aspectos do conceito de cosmovisão, Fabiano Almeida de Oliveira afirma que é numa ampla teia da nossa relação com os outros, com o mundo a nossa volta e com a religião que nossa cosmovisão é formada. Sendo assim, grande parte de nossa cosmovisão é composta das lições de vida que aprendemos com nossos pais, líderes religiosos, professores e posteriormente com nossas relações sociais e experiência de vida.³

Ou seja, grande parte da minha cosmovisão me foi passada nos meus primeiros anos de vida por meio dessa absorção da cultura, sendo que a família é a formadora de grande parte de nossa cosmovisão. Ao longo dos anos ela vai sofrendo ajustes e mudanças por meio dos relacionamentos e experiências, num processo que pode alterar profundamente a base dessa cosmovisão ou não, fazer meros ajustes.

As Cosmovisões básicas

A fim de ajudar a compreendermos qual é a nossa cosmovisão, é preciso saber que existem alguns tipos básicos. James Sire em seu livro “O Universo ao lado” lista e explica oito grandes cosmovisões básicas que estão por trás da maneira como nós pensamos: teísmo cristão, deísmo, naturalismo, nihilismo, existencialismo, monismo panteísta oriental, nova era e pós-modernismo.⁴

O teísmo cristão é a linha mais clássica do cristianismo, no qual Deus criou o universo e nos criou como seres a sua imagem e semelhança. O pecado corrompeu a criação mas Deus está agindo nela por meio do plano de Salvação em Cristo para redimir sua criação e sua criatura. O teísmo cristão vê Deus agindo no mundo que o mesmo Deus criou e sustenta. Um bom exemplo dessa presença atuante são os milagres.

O deísmo, em sua forma mais básica, é um filho do Racionalismo e do Iluminismo (Séc. XVI e XVII) e parece-se muito com o teísmo mas difere dele em questões essenciais. Já podemos ver traços do deísmo nas ideias de Platão a respeito de Deus – um poder organizador do mundo – e de Aristóteles – o motor imóvel. O deísmo basicamente acredita que existe um poder transcendente, uma Divindade ou força que criou todas as coisas e que é a causa de tudo, mas que não está presente, não age mais sobre a criação e que portanto não é pessoal nem providente para os homens. Nessa visão o universo é uma caixa fechada de causa e efeito e portanto os milagres não são possíveis por que seriam intervenções de Deus – Deus não intervém – e uma subversão da relação de causa e efeito que rege o universo. Para o deísta o ser humano é parte do universo, não uma criatura especial, e não há sentido em se falar em queda, pois a noção de pecado como rebeldia contra um Deus pessoal perde o sentido.

O naturalismo é um filho do deísmo que avançou mais em suas afirmações a ponto de afirmar categoricamente que Deus não existe. Tudo que existe é a matéria e portanto esta cosmovisão é basicamente ateísta. Novamente o universo é visto como uma uniformidade de causa e efeito e o ser humano é visto como parte desse universo, um animal evoluído que se constitui uma complexa inter-relação de propriedades químicas e só isso. Por ser

¹ SIRE, James W. *O Universo ao Lado*, São Paulo: Hagnos, 2004, p. 21

² OLIVEIRA, Fabiano Almeida de. Reflexões críticas sobre *weltanschauung*: uma análise do processo de formação e compartilhamento de cosmovisões numa perspectiva teo-referente – in *Fides Reformata* XIII: 2008, p.38

³ OLIVEIRA, Fabiano Almeida de. Reflexões críticas sobre *weltanschauung*: uma análise do processo de formação e compartilhamento de cosmovisões numa perspectiva teo-referente – in *Fides Reformata* XIII: 2008, p.40-42

⁴ SIRE, James W. *O Universo ao Lado*, São Paulo: Hagnos, 2009.

essencialmente construído sobre os pressupostos de uma geração espontânea do universo e do macro-evolucionismo, para o naturalista o ser humano é apenas um animal evoluído e quando o mesmo morre cessa toda forma de existir. A morte é a não existência, não havendo nada além desse ponto.

O niilismo – nome que vem do latim “*nihilis*”, que significa literalmente “nada” – não é tanto uma forma de filosofia, mas é basicamente a negação de tudo ou praticamente tudo. O niilismo é uma consequência do naturalismo e da decepção de toda uma geração com a confiança no avanço da ciência e da tecnologia como explicadoras da vida. Após as duas grandes guerras, perde-se a esperança de uma salvação pela ciência – que substituiu Deus no pensamento ocidental – e desemboca-se na decepção total e geral com qualquer tentativa de explicação da vida. É basicamente uma cosmovisão que nega toda as demais e não faz nenhuma afirmação no lugar. Nesta cosmovisão, qualquer busca por um sentido deve ser abandonada pois não existe sentido para a existência. As noções mais clássicas de verdade, certo/errado, beleza, ética e tudo mais deixam de existir.

O existencialismo é uma tentativa de superar o niilismo. Como figuras fundantes do existencialismo figuram grandes nomes, como o de Soren Kierkegaard, Jean Paul Sartre, Albert Camus e Martin Heidegger. O existencialismo aceita as premissas básicas do naturalismo ao mesmo tempo em que procura sair do buraco do niilismo por meio de um movimento interessante: a vida realmente não tem sentido em si mesma, e é exatamente por isso que devemos criar um sentido para ela. Neste sentido o existencialismo opta por dividir o mundo em dois: o mundo objetivo, material (sem sentido) e o mundo subjetivo, na consciência e percepção de cada pessoa (com o sentido que damos a ele). Isso quer dizer que o existencialismo tanto aceita a noção de que o mundo não tem sentido, quanto afirma que ele possui o sentido que damos a ele pessoalmente, subjetivamente, escapando dessa forma do niilismo. O sentido que existe não é o sentido da realidade objetiva, mas da realidade subjetiva. Quando olho para o mundo e vejo nele sentido, o sentido não está no mundo, mas na minha percepção do mundo, que para mim é verdadeira. Logo, os ideais que não existem para o niilista – verdade, certo/errado, beleza, sentido – existem para o existencialista, mas apenas subjetivamente. Isso equivale a dizer que toda verdade é verdade para mim e não necessariamente para o outro, o que termina por corroer na prática a noção de verdade. Em longos termos, o resultado é idêntico ao do niilismo.

Quando o ocidente pareceu estar mergulhado em questões insolúveis, uma solução apareceu: ir até o Oriente para lá encontrar respostas. Assim veio para o Ocidente uma cosmovisão oriental: o monismo panteísta oriental. O monismo panteísta é a base das grandes religiões orientais, entre elas o Hinduísmo e o Budismo, com variações entre elas. O panteísmo monista acredita que a alma de todo ser é a alma do cosmo. Isso equivale a dizer que nesta visão a noção de “Deus” é substituída pelo conceito de uma realidade única, infinita, impessoal e suprema que abrange tudo. Logo, a alma do homem é a alma do cosmo e tudo é um. Tudo existe como uma unidade e a percepção de que as realidades são diferentes umas das outras – eu/tu, esse/aquele, isto/aquilo – é uma ilusão da percepção. A experiência religiosa então nesse contexto passar a ser desvencilhar-se da ilusão de separação para a experiência de unidade com o tudo que é todos, com o Brahma, essa realidade única e total. Esta experiência de unidade com o cosmo levaria o indivíduo além de uma personalidade, além do conhecimento conceitual, além da distinção de bem e mal, indo em uma direção diametralmente oposta ao Deus pessoal, distinto e moral das Escrituras.

Do casamento entre os problemas do Ocidente e a busca por respostas no Oriente nasceu a Nova Era, uma cosmovisão que ainda está em formação mas que se propõe como uma visão de mundo alternativa as demais. A Nova Era retorna ao modelo evolucionista dizendo que um novo homem está nascendo e isso abre uma – adivinhe – nova era. Esse novo homem que surge de um salto evolutivo se tornará, nessa visão, um tipo divino por meio da evolução da consciência e do avanço tecnológico. Nessa cosmovisão o “eu” assume o lugar de Deus: tudo existe para o “eu” e o “eu” é o grande autor de tudo. Na Nova Era, esse novo homem tem uma consciência que transcende as relações de espaço/tempo e também noções morais, o que leva a uma união com o cosmo – eco do Oriental – mas desta vez o eu não deixa de existir para se unir ao todo, e sim o todo que é subjugado pelo “eu” – eco do Ocidental.

Por fim, a última cosmovisão é o Pós-Modernismo, que assume um pouco das cosmovisões anteriores mas agora com uma agenda existencialista: a verdade é impossível de ser encontrada, isso leva a negação de qualquer metanarrativa e a formulação de diversas narrativas, todas igualmente válidas e verdadeiras. O espaço é de tolerância e o único alvo de intolerância é aquilo que o pós-moderno considera intolerância: que alguém diga que algo não é verdadeiro ou buscar entre duas ideias opostas a o certo e o errado. Certo e errado, a noção de “eu”, “Deus” ou a ética passam a ser apenas construções linguísticas que são verdadeiros para quem as constrói e nelas acredita. Tudo passar a ser uma narrativa.

É claro que estas cosmovisões são modos básicos. São como frutas diferentes umas das outras. O que fazemos é que pegamos essas frutas e as picamos, pegamos um pouco disso, um pouco daquilo outro e fazemos uma grande salada de frutas, misturando elementos que foram nos sendo dados aqui e ali. A questão de qual é a nossa cosmovisão é muito importante pois ela se liga aos nossos valores, nossos ideais, nossas prioridades e nossos anseios. A nossa cosmovisão orienta a maneira como vivemos. Afinal, qual é a nossa cosmovisão?